

B A B E L

JORGE DE LIMA

A idéia da escalada de Babel nasceu com a idéia do ganho: o trabalho visando a aquisição do reino celeste. Os burgueses procedem em linha direta dos homens de Babel.

Pode-se galgar os céus por uma evasão sobrenatural; mas os homens de Babel desejavam escalar a morada de Deus com uma escadaria de pedras. O orgulho do anjo negro queria divinizar-se. Em realidade, jamais o homem conseguirá constituir-se ser de ascensão mas de assunção. Os homens idólatras de Babel tinham posto o reino de Deus no tempo, no espaço e na história, e por isso além de precisarem estrategicamente o local onde a torre imensa deveria atingi-lo, aí neste mesmo lugar a elevaram pelos ares. Não existia qualquer mística na materialidade desta empresa. Era uma ascensão material, uma ascensão de escadaria muito semelhante à mística totalitária que pretende transformar o mundo num paraíso, instalando-o comodamente nas planícies do mundo. Os homens de Babel desejavam aproximar-se de Deus com uma construção de pedra, com um edifício que não era igreja nem templo nem casa de oração, mas propriedade de homens interesseiros: queriam galgar o paraíso para fugir do trabalho como os que vêem o aperfeiçoamento da máquina como uma libertação do trabalho. A invenção da máquina vem de Babel. Foi Babel uma imensa máquina coletiva de ascensão, a primeira luta contra a lei de gravidade, a primeira tentativa de conquista do ar. Então o homem foi ferido em sua satânica invenção: a fragmentação desta imensa máquina ia dar a cada pátria e a cada povo a ânsia milenar de recuperar os atributos que o homem perdera à saída do Paraíso. A história atual decorre da queda do homem e do afã da invenção mecânica com que ele possa readquirir com o suor de seu rosto os dons angélicos que lhe foram retirados pelo pecado do orgulho. O rádio, a televisão, o aeroplano e outros descobrimentos representam marcos históricos desta reabilitação. Essa reabilitação por isso mesmo sempre se processa num sentido ascensional. Os homens de Babel não queriam construir tendas como São Paulo, mas uma torre em que os homens se isolassem e fugissem do mundo. A própria construção da imensa torre confundiu e desorientou o trabalho. Gerações nasceram e morreram trabalhando nas primeiras centenas de andares. A mística da massa de Babel era conquistar o Paraíso. Com a sua construção em que se empenharam todos os homens da terra, estes perderam a liberdade, obrigados a um trabalho forçado, ao jugo do trabalho coletivo para a conquista comum. O direito de propriedade desaparecera; a torre se tornara propriedade de todos, o ideal da imensa massa trabalhista. E não havia Deus naquela massa que procurava Deus, que procurava Deus para demiti-lo ocupando o seu lugar. E aquele paraíso que se procurava em vão nas alturas era um paraíso terrestre, geográfico, localizado topograficamente como uma cidade suspensa. A infernal mística materialista

havia afastado o homem de seu contacto com a terra. Homem e torre desaba-
ram, fragmentados em línguas, guerras, fronteiras, racismos, neste pandemô-
nio de conflagração mundial a que servem as invenções com que o habitante
de Babel quis recuperar os atributos perdidos.

JORGE DE LIMA

A ideia da escalada de Babel nasceu com a ideia do trabalho: o trabalho
visando a aquisição do reino celeste. Os portugueses procedem em linha dire-
ta dos homens de Babel.

Pode-se dizer os céus por uma evasão sobrenatural; mas os homens de
Babel desejavam escalar a morada de Deus com uma escadaria de pedras. O
orgulho do anjo negro queria divinizar-se. Em realidade, jamais o homem
conseguiria constituir-se ser de ascensão mas de ascensão. Os homens idóla-
tras de Babel tinham posto o reino de Deus no tempo, no espaço e na histó-
ria, e por isso além de precisarem estrategicamente o local onde a torre
imensa deveria atingir-lo, ali neste mesmo lugar a elevavam pelos ares. Não
existia qualquer mística na materialidade desta empresa. Era uma acção ma-
terial, uma ascensão de escadaria muito semelhante à mística totalitária
que pretende transformar o mundo num paraíso, instalando-o comodamente nas
planícies do mundo. Os homens de Babel desejavam aproximar-se de Deus com
uma construção de pedra, com um edifício que não era igreja nem templo nem
casa de oração, mas propriedade de homens interessados: queriam chegar o
paraíso para fugir do trabalho como os que vêem o aperfeiçoamento da máqui-
na como uma libertação do trabalho. A invenção da máquina vem de Babel.

Foi Babel uma máquina coletiva de ascensão, a primeira luta contra a
lei de gravidade, a primeira tentativa de conquista do ar. Então o homem
foi ferido em sua astênia inventiva: a fragmentação desta máquina levou
dar a cada pátria e a cada povo a ansia milenar de recuperar os atributos
que o homem perdura à saída do paraíso. A história atual decorre da queda
do homem e do ar da invenção mecânica com que ele possa readquirir com o
amor de seu rosto os dons angélicos que lhe foram retirados pelo pecado do
orgulho. O rádio, a televisão, o aeroplano e outros descobrimentos repre-
sentam marcos históricos desta reabilitação. Essa reabilitação por isso
mesmo sempre se processa num sentido ascensional. Os homens de Babel não
queriam construir tendas como São Paulo, mas uma torre em que os homens se
isolassem e fugissem do mundo. A própria construção da imensa torre con-
fundiu e desorientou o trabalho. Gerações nasceram e morreram trabalhando
nas primeiras centenas de andares. A mística da massa de Babel era conquista-
tar o Paraíso. Com a sua construção em que se empenhavam todos os homens da
terra, estes perderam a liberdade, obrigados a um trabalho forçado, ao jugo
do trabalho coletivo para a conquista comum. O direito de propriedade des-
pareceu; a torre se tornou propriedade de todos, o ideal da imensa massa
trabalhista. Não havia Deus naquela massa que procurava Deus, que procu-
rava Deus para demiti-lo ocupando o seu lugar. E aquele paraíso que se pro-
curava em vão nas alturas era um paraíso terrestre, geográfico, localizado
topograficamente como uma cidade sagrada. A imensa mística materialista